

# A Terceira Margem da Escrita

\*Prof<sup>a</sup>. Ms. Silvane Catarina de Oliveira Carozzi\*<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Esse artigo refere-se à experiência da escrita de José Joaquim de Campos Leão, conhecido como Qorpo-Santo, que inaugura uma demonstração de um “saber-fazer” com o rumor anterior às palavras, que ultrapassa os limites da linguagem: trabalho de enfrentamento, atravessamento, um dobrar-se sobre si mesma da loucura, através da escrita.

**Palavras-chave:** linguagem; escrita; experiência; “saber-fazer”.

---

Durante 100 anos, a obra de Qorpo-Santo permaneceu oculta e o diálogo com o futuro teria seu momento de concretude na noite de 26 de agosto de 1966, no palco do Clube de Cultura, em Porto Alegre. A montagem pioneira teve um sucesso que foi além das fronteiras regionais, e Qorpo-Santo se tornaria célebre, graças às sucessivas críticas anunciando a descoberta de um escritor brasileiro que teria sido o precursor do teatro do absurdo, destacando a originalidade do escritor.

Em uma das páginas do Livro Primeiro da *Ensiqlopèdia*, Qorpo-Santo interroga: “Que pensarão os vindouros do que penso, escrevo e faço?” (QORPO-SANTO citado por MARQUES, 1993, p. 25). A consciência do estranhamento que causava em seus contemporâneos e a certeza de que escrevia para a posteridade se inscrevem como interrogantes numa única frase.

Em sua autobiografia, Qorpo-Santo relata a censura sistemática que sofria em tudo que escrevia, e desabafa: “nenhum pensamento de reconhecida utilidade pública que mandava imprimir, que não fosse qualificado – crime! E pelo qual – não houvesse de sofrer alguma pena!” (QORPO-SANTO citado por CESAR, 1980, p.15). O escritor, que já tinha alguma atividade literária, intensificou-a de modo inusitado e passou a escrever febrilmente o que lhe vinha à cabeça, num período em que a sua “ingrata e nojenta imaginação” obrigou-o a trabalhar com incrível rapidez, produzindo com fúria catártica. Escrevia uma peça num único dia e algumas mesmo em poucas horas de trabalho, e em *seis meses* escreveu, pelo menos, dezesseis das dezessete peças de teatro hoje conhecidas e passa a produzir os textos que irão fazer parte da sua obra *Ensiqlopèdia ou seis mezes de uma enfermidade*, que, em sua edição original, foi impressa em sua gráfica (FRAGA, 1988, p. 22).

Essa compulsão de escritura culmina em sua interdição: mesmo não sendo explícito o tipo de problema sofrido pelo escritor, condição em que permaneceria até o fim da vida (CESAR, 1980, p.44). Entretanto, perseverava no ato insensato de escrever. Nos “Autobigráficos”, afirma:

Lendo alguém um escrito meu com as regras ortográficas que estabeleci, perguntou-me se eu padecia dos nervos.  
Respondi-lhe – Nervos, é moléstia do corpo; o fato porém de eu não poder escrever com uma ortografia insada de erros, e sim com outra mais simples, mais fácil, e mais conforme a boa razão, se é enfermidade asseguro-lhe que é da alma e não do corpo (QORPO-SANTO, 2003, p.95).

O escritor busca elucidar aqui, o mal de que está acometido: a enfermidade não está aí descartada, mas “se é enfermidade asseguro-lhe que é da alma e não do corpo”. Coloca-se, aqui, dessa forma, um aspecto de enorme importância para este estudo. Se não se pode descartar que Qorpo-Santo padecia de alguma enfermidade, esta se inscreve no âmbito das *enfermidades da alma*, o que inscreve o autor no campo da literatura, como alguém tomado pela paixão da escrita. O termo grego *nosos* diz respeito à doença como realidade objetiva inscrita no real do corpo, que não se confunde com o termo *pathos*, que se refere à capacidade de *acometer* um indivíduo e conduzi-lo passivamente a uma certa forma de padecimento. *Pathos* refere-se antes de tudo a um estado anímico bastante particular e que não se reduz ao espectro das emoções, mas um estado de sofrimento, de grande padecimento das paixões próprias à alma (no sentido de um apaixonamento que pode mover ou cegar). O *pathos* movimenta o sujeito em uma busca e dá sentido às suas ações.

Essa condição de estar passivamente afetado por algo da ordem da paixão nos leva

à idéia grega de *atè* – a loucura sagrada. A noção de *atè* na Grécia arcaica tinha o caráter de um desastre, de uma desgraça objetiva intervindo na vida de um indivíduo. Ela ocorria por interferência direta de algo transcendente ao sujeito: a vontade dos deuses. Era o destino, representado pela figura onipotente das Moiras, às quais, segundo supunham, o próprio Zeus estaria submetido; elas decidiam pela existência de cada mortal, nada cabendo a estes, a não ser a resignação frente a essas vontades superiores contra as quais não poderiam lutar. Este seria o efeito do insondável destino sobre a existência dos humanos e contra essa determinação era vão e inútil o orgulhoso assomo da *hybris*.

Sob a perspectiva da arrogância ou orgulho humano de querer ser como os deuses, a loucura passa a ser considerada como decorrente da *hybris*, do excesso ou da desmedida: quando o homem, senhor de sua vontade, embriaga-se com suas próprias ambições, esquecendo-se de sua humanidade e passando a se comparar aos deuses, desejoso de compartilhar da bem-aventurança dos deuses, ele perde-se em sua arrogância e passa a sofrer em consequência de seus excessos. Esse sofrimento decorre tanto do decreto divino que pune a arrogância humana quanto dos desastres acarretados pela insensatez da *hybris*. O homem é um ser efêmero (ser de um dia), mas ele não se conforma a esse destino e por isso desafia os deuses, seres bem-aventurados e imortais. A essa arrogância e talvez desvario, a essa *hybris*, os deuses respondem com o decreto da morte, isto é, com a determinação do castigo. A ambigüidade está no fato de que, se o homem se conformasse ao seu destino efêmero, ele pouco se diferenciaria do animal e, ao não se conformar, ele submete-se à ira divina, mas constrói a cidade e, de uma forma ou de outra, eleva-se para regiões mais próximas da morada dos deuses.

Parece que Qorpo-Santo, acometido pela *atè*, realidade estranha e exterior a ele, entrega-se aos desvarios da *hybris*. E não sabendo por que escrevia, faz esta declaração de inteira obediência a seu destino: “Não sei, porém, o que me inspirou a continuar no mais improfícuo trabalho”. (QORPO-SANTO, 1980, p.67). Por “movimento demasiado forte, o escritor é atraído por essa estranha linguagem, para um espaço onde a verdade falta, onde os limites desaparecem, onde somos entregues à exorbitância”. (BLANCHOT, 1987, p.184). Qorpo-Santo entrega-se, pois, a essa exorbitância e nela espraia-se na forma da *Ensiqlopèdia*.

Qorpo-Santo entrega-se à escrita, “essa estranha linguagem”, como diz Blanchot (BLANCHOT, 1987, p.184). Sócrates propõe que nos distanciemos o máximo possível dessa estranha linguagem, palavra morta, palavra escrita, como uma perigosa doença, que nos mantenhamos na verdadeira linguagem, a linguagem falada, em que a palavra está segura de encontrar uma garantia de vida. Maurice Blanchot, em seu texto *A besta de Lascaux*, comenta que

o que lhe surpreende [a Sócatres], então, o que lhe parece “terrível” é, tanto na escrita como na pintura, o silêncio, silêncio majestoso, mutismo em si mesmo inumano e que faz passar na arte o estremecimento das forças sagradas, essas forças que, pelo horror e pelo terror, abrem o homem para regiões estranhas (BLANCHOT, 1982, p.16).

E ele prossegue:

A coisa escrita aparece essencialmente próxima da palavra sagrada, de cuja estranheza ela parece ser a portadora da obra, da qual ela herda a desmedida, o risco, a força que escapa a qualquer cálculo e que recusa toda garantia. Como a palavra sagrada, o que está escrito vem não se sabe de onde, é sem autor, sem origem e, desse modo, envia a algo mais original (BLANCHOT, 1982, p.8).

A busca da origem da escrita de Qorpo-Santo não se distancia da visão do homem primitivo: “Tudo fala na Natureza para quem tem ouvidos”. (QORPO-SANTO, 2003, p. 43) Para ele tudo faz barulho: “Passo momentos em que cousa nenhuma se move na natureza, ou em meu próprio corpo, que me não desperte ou sugira um novo pensamento. Passo momentos em que sinto; em que me – parece – que tudo sente; que tudo é sensível” (QORPO-SANTO, 2003, p. 47).

O nosso “poetador” sofre, sofre de tanto sentir as coisas, sofre de cada uma e de todas juntas, e em nada pode negligenciar: “O que escrevo é por mim reconhecido ou experimentado” (QORPO-SANTO, 2003, p. 32), diz ele. Não que o poeta pense incessantemente em todas as coisas – elas é que pensam nele. Estão nele, dominam-no. Assim, ele diz: “Importunas vozes atormentam, dia e noite, sem cessar” (QORPO-SANTO, 2003, p. 67). “Isso é sem fim”, diz Blanchot, “isso fala, isso não pára de falar, linguagem sem silêncio, porque nela o silêncio se fala” (BLANCHOT, 1987, p.181). O que impressiona na escrita de Qorpo-Santo é que ele não conseguia parar de escrever e diz: “por mais que eu não queira escrever, estou sempre a escrever. Que diabo de vida!”. (QORPO-SANTO, 2003, p. 110). “É esse caráter de exigência sem saída que obriga o artista a não se desviar dela e a sustentar-lhe misteriosamente seu aspecto desmedido”, nos diz Blanchot (BLANCHOT, 1987, p.186). Àqueles que escrevem, essa linguagem sem silêncio diz:

Dou-te a chave de todas as palavras. Promessa maravilhosa, promessa que cada um se apressa a interpretar como se tivesse sido dito: Terás todas as palavras. Mas foi-lhe prometido ainda mais: não só a totalidade da fala,

mas a fala como origem, o puro jorro da origem, onde falar precede, não tal ou tal fala, mas a possibilidade da fala, onde falar se precede sempre a si mesmo (BLANCHOT, 1987, p.181).

O escritor acredita, então, dispor das palavras e desse lugar onde a fala escapa a toda divisão. E, nessa fala original, puro indeterminado, que pode dar voz e fala a tudo, tudo pode dizer. Qorpo-Santo escreve: “Palavras não faltam/ Para eu rimar/ Todos que quero/ Versos escrever”. (QORPO-SANTO, 2000, p. 68). E, querendo fazer a obra, debatendo-se com essa palavra sagrada, sem autor, sem origem, tenta conciliar o irreconciliável.

Mas o escrever não é sem vicissitudes... Não se trata de uma tarefa fácil ou de uma simples decisão. Aquele que se sente nessa região “onde falar precede, não tal ou tal fala, mas a possibilidade da fala, onde falar se precede sempre a si mesmo”, (BLANCHOT, 1987, p.181) corre o risco de se aniquilar se não tentar conciliar o irreconciliável, se não se dispuser a escrever, portanto; de sorte que o escritor é, ao mesmo tempo, livre para escrever e prisioneiro de sua potência de escrita. Mas se escrever, como diz Blanchot, é fazer-se eco do que não pode parar de falar, é necessário que o escritor seja capaz de impor silêncio a essa fala que não pára, sem o que seria impossível fazer-lhe eco. Ora, é para realizar esse silêncio que o escritor é convidado ao apagamento de si ou a exercer o seu domínio sobre o murmúrio incessante.

O que aqui se coloca em primeiro plano é a despossessão, a não plenitude do ser, “é a fenda e a fissura, a erosão e o rasgão, a intermitência e a privação corrosiva: o ser não é o ser, é a falta a ser, falta viva que torna a vida desfalecente, inapreensível, excepto através do grito de uma feroz abstinência”. (BLANCHOT, 1984, p.47) Despossessão que Qorpo-Santo tenta expressar através da espessura da sombra do vazio que se projeta atrás dele:

Os pensamentos que concebo e que não quero escrever – são por mim impregnados nas paredes, teto, telhado, e mais partes desta casa (estava na vila Triunfo). Envoltos nas faíscas que saltam desta vela com que me alumio, vão outros tantos pensamentos que gravam-se no teto desta casa. Qual gafanhotos saltando, voando, posando, vejo eu pensamentos em cabeças (QORPO-SANTO, 2003, p. 47-48).

O que aqui se vê é que Qorpo-Santo está em contato com algo muito grave: o desmoronamento dos pensamentos que são por ele “impregnados nas paredes, teto, telhado, qual gafanhotos saltando, voando, posando”. Pensar não é o mesmo que ter pensamentos. Tudo indica que, aqui, trata-se de uma “espécie de erosão, ao mesmo tempo essencial

e fugaz do pensamento”, por conseguinte, essencialmente implicada numa perda central. Talvez Qorpo-Santo tenha sentido também a assombrosa desordem da língua e essa impossibilidade de pensar, ponto onde pensar é sempre não poder pensar ainda, um desfalecimento que se irradia a partir desse centro. “Esse deslocamento do centro de gravidade é a exigência dolorosa que o obriga, pelo abandono de todas as ilusões, a só prestar atenção a um ponto, ‘ponto de ausência e de inanidade’” (BLANCHOT, 1984, p.47).

Como diz Blanchot, “escrever somente começa quando escrever é abordar aquele ponto em que nada se revela” (BLANCHOT, 1987, p.42). Teria Qorpo-Santo também sido impulsionado a escrever, quando, diante do nada, ou diante de uma experiência em tudo consoante à de Artaud, buscou desesperadamente a palavra original?

Lá onde a transparência do pensamento se mostra pela imagem que a retém, ou a mesma palavra, sofrendo dupla violência, parece iluminar-se pelo silêncio nu do pensamento, parece tornar-se espessa, encher-se da profundidade falante, incessante murmúrio em que nada se deixa ouvir. (BLANCHOT, 1982, p.23-24).

Qorpo-Santo escreve expondo esse vazio – tenta exprimi-lo e, retirando dele a expressão, “não poderia atualmente exercer cargos em que fosse-me preciso borrar papel... Que pensamentos tão fora da ordem natural ocupam a minha cabeça! Tenho receio d’escrivê-los” (QORPO-SANTO, 2003, p. 96). Pensamentos tão fora da ordem natural como um “canto inumano – sem dúvida um ruído natural, mas à margem da natureza, de qualquer modo estranho ao homem” (BLANCHOT, 1984, p.11). Um canto tão insólito que faz nascer naquele que o ouvia a suspeita de inumanidade de todo canto humano. Um canto de vida e morte, cantado por potências imaginárias, indicando a direção de um lugar que, uma vez atingido, só poderá desaparecer. Lugar sempre por vir no espaço infinito de uma navegação à deriva. Canto do abismo que, uma vez ouvido, encanta e incita à ousadia, ao risco, à errância a que o navegante só pode responder sim, que empurra o poeta para aquele ponto cintilante e desassossegado, onde o silêncio deixa-se encontrar pela palavra.

Teria Qorpo-Santo também sido impulsionado a escrever, quando, diante do nada buscou desesperadamente a palavra original?

Lá onde a transparência do pensamento se mostra pela imagem que a retém, ou a mesma palavra, sofrendo dupla violência, parece iluminar-se pelo silêncio nu do pensamento, parece tornar-se espessa, encher-se da

profundeza falante, incessante murmúrio em que nada se deixa ouvir (BLANCHOT, 1982, p.23-24).

Qorpo-Santo escreve expondo esse vazio – tenta exprimi-lo e, retirando dele a expressão, “não poderia atualmente exercer cargos em que fosse-me preciso borrar papel... Que pensamentos tão fora da ordem natural ocupam a minha cabeça! Tenho receio d’escrevê-los” (QORPO-SANTO, 2003, p.96). Pensamentos tão fora da ordem natural como um “canto inumamo – sem dúvida um ruído natural, mas à margem da natureza, de qualquer modo estranho ao homem” (BLANCHOT, 1984, p.11). Um canto tão insólito que faz nascer naquele que o ouvia a suspeita de inumanidade de todo canto humano.

Não é irrelevante a busca de Qorpo-Santo pela palavra primeira, momento que precede as palavras, o vazio inicial onde tudo começa. Por força desse movimento demasiadamente intenso, entrega-se à escrita, sendo, então, “atraído por essa estranha linguagem, para um espaço onde a verdade falta, onde os limites desaparecem, onde somos entregues à exorbitância” (BLANCHOT, 1987, p.184). Acreditando dispor das palavras e desse lugar onde a fala escapa a toda divisão, e dessa fala original, puro jorro da origem, puro indeterminado, que pode dar voz e fala a tudo, tudo pode dizer, Qorpo-Santo escreve. Mas que número de sílabas seria necessário para cessar a aflição, o vazio?

As sílabas não são suficientes. É como se a linguagem tivesse sido destruída, tornando-se mudez. Num desespero laborioso, infatigável, Qorpo-Santo soube que seria preciso outra coisa, um acento, um tom, que pulsa, mas que não o possuía. Faltava ali a palavra que tudo pudesse reter ou conter. O escritor se entrega, pois, a essa exorbitância e nela se espraia na forma da *Ensiqlopèdia*, sustentando misteriosamente seu aspecto desmedido: só importa o traço anônimo, visível, de uma ausência sem reserva.

O que aqui é abordado é essa fala neutra, indistinta, que é o ser da fala, que toca o momento em que a linguagem não está disponível. Espaço onde as coisas e os seres não são ainda. Espaço que precede as palavras, que se encontra em seus interstícios. “Na região de origem, reina não o silêncio, mas o rumor: o rumor anterior às palavras” (BLANCHOT, 1984, p.13).

Buscando palavras vivas que substituam plenamente toda a matéria de uma palavra original, portadora de todos os traços que as imprimem na memória, Qorpo-Santo erra pelos caminhos da travessia e se empenha em reformar a língua portuguesa.

Qorpo-Santo propõe uma reforma ortográfica que simplificaria a escrita de tal modo que a cada fonema articulado sonoramente corresponderia um único símbolo gráfico. Propõe ainda a supressão do “U” em todas as palavras nas quais ele não soa; a

supressão do “SS”, “RR”, “Ç” e “outros desperdícios de tinta”. Em uma das peças de Qorpo-Santo, “O Parto”, a personagem Ruibarbo explica as razões pelas quais altera a grafia:

Quando escrevo, penso, e procuro conhecer o que é necessário, e o que não é, e assim como, quando me é necessário gastar cinco, por exemplo, não gasto seis, nem duas vezes cinco; assim também quando preciso escrever palavras em que usam letras dobradas, mas em que uma delas é inútil, suprimo uma e digo: diminua-se com esta letra um inimigo do Império do Brasil! Além disso, pergunto: que mulher veste dois vestidos, um por cima do outro!? Que homem, duas calças!? Quem põe dois chapéus para cobrir uma só cabeça!? Quem usará ou que militar trará à cinta duas espadas! (QORPO-SANTO, 1980, p.219-220).

Qorpo-Santo estabelece um novo tipo de relação com a linguagem, inventando uma função completamente inédita para o órgão-linguagem, propondo uma nova ortografia, e a empregou na maioria dos textos da *Ensiqlopèdia*. Qorpo-Santo opera não somente uma decomposição ou uma destruição da língua materna, mas também a invenção de uma nova língua no interior da língua mediante a criação de sintaxe.

Como Deleuze e Guattari nos mostram em *Kafka, por uma literatura menor*, também Qorpo-Santo inventa uma língua estrangeira no interior da própria língua, quando ele declara:

Estudei e ensinei português por espaço de 14 anos. Pelos atos de pessoas que muito mais que estudaram, conheci que os significado das palavras que os dicionários ensinaram, não são por elas admitidas, senão quando lhes convém. Julguei por isso absurdo pegar mais em dicionários da nossa língua há 13 anos. (QORPO-SANTO, 2003, p.67).

Deleuze e Guattari, ao analisar a obra de Kafka, dizem que ela pertence ao que eles denominam de “literatura menor”. Esse tipo de literatura não é a de um povo menor, muito menos a de uma língua menor, mas “antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1977 p.25). A condição de Kafka era exatamente a condição de um exilado, de um estrangeiro. Judeu, tcheco, optou por escrever em alemão. Mas o alemão de Kafka é o alemão de Praga, “uma língua desterritorializada, própria a estranhos usos menores” (DELEUZE; GUATTARI, 1977 p.26). E é também o alemão de quem fala iídiche, idioma judaico tão próximo ao alemão. Exatamente por se encontrar nessa posição estranha,

estrangeira, dentro de sua cultura, é que foi possível a Kafka fazer um uso menor do alemão, um uso criador de uma nova sintaxe. Qorpo-Santo é também um exilado em sua própria cidade. Crônicas da época falam dele como um “tipo curioso”, que escreve versos absurdos, sem nexos, sem rima, sem métrica. Falam ainda de sua insistência em reformar a língua portuguesa. Um contemporâneo seu diz que, “quando a luz da razão se apagou no seu cérebro, deu-lhe mania de fazer ‘versos de pé quebrado e sem nexos’. Sentia-se bem só, na solidão, a fumar o seu cigarro de palha com fumo crioulo. E passava, assim, horas e horas, completamente estranho a tudo que o cercava, fugindo da convivência dos demais.” Mas essa solidão ainda não é solidão: é recolhimento. Há uma outra solidão, de que nos fala Blanchot: aquela em que arriscar a linguagem é arriscar o ser – eis a solidão que sobrevém ao escritor por intermédio da obra. O escritor que entra nessa região não se supera na direção do universal,

não caminha para um mundo mais seguro, mais belo, mais justificado, onde tudo se ordenaria segundo a claridade de um dia justo. Não se descobre a bela linguagem que fala honrosamente para todos. O que fala nele é uma decorrência do fato de que de uma maneira ou de outra, já não é ele mesmo, já não é ninguém (BLANCHOT, 1987, p.18).

Exilado da cidade, exilado das ocupações regulamentadas e das obrigações limitadas, o escritor, exilado em sua loucura, estrangeiro em sua pátria, não a pode ocupar e traduz essa condição no verso:

Um resto

Da Minha pátria ofendida!  
Minh’alma terna, sentida,  
Com esse doce palpar,  
Não se pode ocupar  
(QORPO-SANTO, 2000, p.273).

A literatura menor está ligada ao exílio, à medida que exige um forte coeficiente de desterritorialização. Para fazer esse uso outro da língua, o escritor precisa se desterritorializar. Qorpo-Santo se insere no campo do desconhecido, numa região totalmente privada de intimidade, o deserto, onde aquele que aí está encontra-se fora de casa, ausente de si numa região estrangeira. Estrangeiro não por estar fora do mundo, mas por se colocar fora de si.

Qorpo-Santo é esse escritor sem território definido, que não pertence a um lugar determinado, e que, exatamente por isso, pôde criar novos territórios na literatura.

Para Deleuze, em “A literatura e a vida”, a literatura de Kafka traça uma espécie de língua estrangeira, “que não é uma outra língua, nem um dialeto regional redescoberto, mas um devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que a arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante” (DELEUZE, 1997, p. 15-16). Kafka faz o campeão de nataçãõ dizer: “falo a mesma língua que você e, no entanto, não compreendo sequer uma palavra do que você diz”. De maneira semelhante, Qorpo-Santo diz: “Escrevo atualmente com uma ortografia tão fácil para mim quanto difícil e impossível para outros: hei de publicar mais tarde regras para uma fácil e inteligível para todos” (QORPO-SANTO, 2003, p. 99). Nessa desterritorializaçãõ, Qorpo-Santo alcança o esplendor do impessoal dessa neutralidade que nos lança, em nós, para fora de nós.

Qorpo-Santo trapaceia o código, fazendo coincidir letra com som, buscando pronunciar o que de voz há na letra, o que de corpo há na letra, o ponto de insignificância da letra:

C.Q.  
Se querem que viva o – C  
Façam soar sempre – Ce:  
Nunca dêem-lhe o de – Q;  
Não roube o C ao Q.  
Ou,  
Querem que viva o – C?  
Não soe jamais – Q!  
Que ele soe sempre – C;  
Não roube o C ao Q!  
(QORPO-SANTO, 2000, p. 63).

Talvez possamos pensar que Qorpo-Santo ao empregar sua proposta de uma ortografia fonética, na maioria dos textos da *Ensiqlopèdia* e em muitos poemas, estaria fazendo uma tentativa de capturar os ecos e os estilhaços do rumor da língua. Talvez possamos afirmar que a *Ensiqlopèdia* seria uma demonstração de um “saber-fazer” com o rumor anterior às palavras, que ultrapassa os limites da linguagem, que equivale a uma exploração errante, incerta, do mundo e das relações entre os homens, e que se constitui em exercício extremamente poético para dar voz a uma origem perdida.

Pode-se dizer que o litoral do mundo que a escrita de Qorpo-Santo procura alcan-

çar é demarcado, ele próprio, pelos limites da letra que, afinal, tangenciam o inominável, o impronunciável, a busca de uma escrita que não seria a da impostura da língua. Qorpo-Santo busca a ampliação da escrita para, em cada um de seus textos, atingir a linguagem sem impostura.

De qualquer forma, Qorpo-Santo rasura a língua, com sua reforma, buscando fazer coincidir o traço que antecede a escrita, um certo retorno do verbal puro, da sonoridade como tal, com a palavra que mais se aproxima da coisa. Ao se aproximar dos limites da linguagem, os textos de Qorpo-Santo convocam uma escrita que levam-no “a destituir-se da literatura para passar “para a margem da língua”, levando-o, em última instância, a uma “travessia da língua” (CASTELLO BRANCO, 2000, p.47).

Nessa outra margem – no campo inundado da língua – já não é da literatura que se trata, mas de uma outra modalidade da escrita: o texto. No texto *Ensiqlopèdia*, ao lado da narratividade, da poesia, do teatro, da crônica, da biografia e da prosa, Qorpo-Santo, sem qualquer intermediação que possa “prevenir” o leitor, interrompe a narrativa, suspende o sentido e atravessa, literalmente, o texto, promovendo o “encontro inesperado do diverso”.<sup>2</sup> Artigos, reflexões políticas, interpretações religiosas convivem, lado a lado, separados apenas por uma barra transversal, com recados, bilhetes, anúncios, pedidos de empregadas domésticas, conselhos homeopáticos, receitas culinárias. Como diz Lucia Castello Branco, “nisso consiste o encontro inesperado do diverso, produzido por essa outra dimensão – o texto – a ‘mais curta distância entre dois pontos’” (CASTELLO BRANCO, 2000, p.41). Assim, Qorpo-Santo vai ampliando espaços, abrindo novos caminhos rumo a uma escavação do real, desenhando, em sua materialidade, a grafia de sua escritura. Vale aqui lembrar o que observa Lucia Castello Branco acerca do texto de Maria Gabriela Llansol:

Mas se se pensa que essa abertura de caminhos se dá em direção ao assentamento de uma certa noção de literatura, mas, ao contrário, rumo à escavação do real e à construção do texto (despossuído de literatura), teremos forçosamente que admitir que estamos, então, navegando por outros mares. (CASTELLO BRANCO, 2000, p.40).

Se, de um lado, Qorpo-Santo, a exemplo de Llansol, Kafka e outros escritores, de alguma forma, cria uma língua menor, por outro, trata de expandir as possibilidades e de instituir uma escritura que passe ao largo da interferência da língua oficial. É nesse ponto que se pode invocar o seu veemente protesto contra os tipógrafos da época: “Ó tipógrafos! Ó revisores! / Por que e para que – mudais vós palavras e letras em meus escritos!?”

(QORPO-SANTO, 2003, p. 96).

Assim, Qorpo-Santo, buscando uma ampliação da escrita, abre sua própria tipografia e passa a dedicar-se à composição para construir a *Ensiqlopèdia*. Em seu gesto escritural, Qorpo-Santo faz um percurso da grafia ou, mais precisamente, da letra que aí se desenha: do estilete à pena, da letra cursiva à letra de forma, do manuscrito à tipografia e à imprensa. Ele se instrui nas técnicas tipográficas de composição e diagramação e usa essas técnicas na construção do texto na *Ensiqlopèdia*, pois, também para ele, “só importa saber em que real se entra e se há técnica adequada para abrir caminho a outros” (CASTELLO BRANCO, 2000, p.39-40).

Assim, seu texto termina por apresentar essa dimensão corporal, material, da escrita, não só naquilo que diz, mas também na maneira como o faz:

JOZÈ JOAQUIM DE QAMPOS/LEÃO QORPO-SANTO./  
ENSIQLOPÈDIA/ OU/ SEIS MEZES DE HUMA ENFERMIDA-  
DE!/VOLUME 2/PEÇAMENTOS EM 100 PAJINAS DE DUAS  
COLUNAS DE 60 LINHAS CADA HUMA,/DE 20 QUADRATINS  
CADA LINHA/REIS...5\$000./PRODUÇÕES COM RARAS  
EXCEPÇÕES, DO 1º DE SETEMBRO/DE 1863, ATÉ O 1º DE  
JUNHO DE 1864, NA VILA/DO TRIUNFO./TIPOGRAFIA/  
QORPO-SANTO./PORTO-ALEGRE, MAIO DE 1877 (QORPO-  
SANTO citado por AGUIAR, 1975, p.236).

Experimenta-se, aqui, o que Deleuze denominará “terceira possibilidade” da escrita:

aquilo que acontece quando balbucio (a gagueira) não se dirige mais às palavras pré-existentes, mas introduz, ele próprio, as palavras que ele afeta (...). Não é mais o personagem que é gago das palavras, é o escritor que se torna gago da língua: ele faz gaguejar a língua enquanto tal (...). Faz gaguejar a língua e, ao mesmo tempo, levar a linguagem a seu limite, a seu exterior, a seu silêncio (DELEUZE citado por CASTELLO BRANCO, 1997, p.165).

Se tudo principia pelo som, tudo, nessa destruição sistemática da língua canônica, dos referenciais poéticos, é devolvido ao som, fazendo gaguejar a língua e, ao mesmo tempo, levando a linguagem a seu limite, a seu exterior, a seu silêncio. Nesse intervalo, a obra se constitui em exercício extremamente poético para dar voz àquilo de onde emerge: *osilêncio*.

Essa *outridade* sem som do que permanece apenas grafado não se faz sem efeito

devastador. E talvez aí o exterior da linguagem apareça: a grafia inexata do que não se pode registrar. Blanchot, em *La folie du jour*, finaliza a narrativa lançando o leitor à exterioridade do texto por vir: “Uma narrativa? Não, nada de narrativa, nunca mais”. Anuncia-se, já aí, o projeto futuro do autor: “a transição para uma linguagem em que o sujeito está excluído”. Ou, nas palavras de Blanchot:

Dizer que escuto essas palavras não seria explicar para mim a perigosa estranheza de minhas relações com elas... Elas não falam, elas não são interiores, elas são, pelo contrário, sem intimidade, estando absolutamente fora, e o que elas designam me introduz nesse exterior de qualquer palavra, aparentemente mais secreto e mais interior que a palavra do foro interior, mas aqui o exterior é vazio, o segredo é sem profundidade, o que é repetido é o vazio da repetição, isso não fala e, no entanto, sempre foi dito (BLANCHOT citado por FOUCAULT, 2006, p.240).

A escrita de Qorpo-Santo nasce desse vazio – de uma reescritura dolorosa do real –, desfazendo os lacres da linguagem que tenta encobrir o “indizível” que a sustenta e buscando a tradução do unimaginável para o registro das palavras. Qorpo-Santo leva a linguagem ao seu limite, a seu exterior, e testemunha seu “confronto/adequação dos afectos e da língua” com aquilo de que nos fala Maurice Blanchot, particularmente em seu livro *La folie du jour*. Tanto para Qorpo-Santo quanto para o narrador de *La folie du jour*, trata-se de *escrever a loucura e não sobre a loucura*, pois, como assinala o narrador, “seu distanciamento não aparecia”, apenas sua intimidade louca (CASTELLO BRANCO, 1997, p.165). Da mesma forma, a escrita de Qorpo-Santo escreve a loucura, testemunha sua loucura “sem testemunho”. No dizer de Foucault: “a loucura é ruptura absoluta da obra; ela constitui o momento constitutivo de uma abolição, que fundamenta o tempo e a verdade da obra; ela esboça a margem exterior desta, a linha de desabamento, o perfil contra o vazio” (FOUCAULT, 1989, p.529). Ao escrever e publicar a *Ensiqlopèdia*, Qorpo-Santo inaugura um trabalho ou um procedimento que não mais cessará: o trabalho de enfrentamento, atravessamento, de um dobrar-se sobre si mesma da loucura, através da escrita:

Os ventos levem  
Ao mundo inteiro,  
- Versos que saem  
Do meu tinteiro!

As brisas tragam

2

Para o meu tinteiro,  
- Versos que correm  
No mundo inteiro!  
(QORPO-SANTO, 2000, p. 57).

## Referências bibliográficas

AGUIAR, Flávio Wolf de. **Os homens precários; inovação e convenção na dramaturgia de Qorpo-Santo**. Porto alegre: A Nação/ Instituto Estadual do Livro, 1975.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

\_\_\_\_\_. **O livro por vir**. Lisboa: Relógio d' água, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Besta de Lascaux**. Trad. Marcio V. Barbosa a partir da La bête de Lacaux. éditions Fata Morgana, 1982.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **Os absolutamente sós: Llansol - A letra - Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. **Escrever a Loucura**. In: **Para que serve a escrita?** ALMEIDA, Maria Inês. São Paulo: EDUC, 1997.

CÉSAR, Guilhermino. **Estudo Crítico**. In: QORPO-SANTO {José Joaquim de Campos Leão}. Teatro completo. Fixação do texto, estudo crítico e notas de Guilhermino César. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Fundação Nacional de Arte, 1980.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Felix. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

DELEUZE, Gilles. **A literatura e a vida** In: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FRAGA, Eudinyr. **Qorpo-Santo: surrealismo ou absurdo?** São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**, SP: Perspectiva, 1989.

\_\_\_\_\_. **Prefácio à transgressão** In **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Vol. III. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. O Pensamento Exterior. In: **Estética: Literatura e pintura, música e cinema** organização e seleção de textos, Manuel Barros da Motta; Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. – 2 ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, Coleção Ditos & Escritos Vol. III . p. 219 – 242.

\_\_\_\_\_. **Raymond Roussel**. Trad. Manoel de Barros da Mota e Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

MARQUES, Maria Valquíria Alves. **Escritos sobre um Qorpo**. São Paulo: ANNABLUME, 1993.

QORPO-SANTO (José Joaquim de Campos Leão). **Miscelânea Quiriosa**. Org. Denise Espírito Santo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Poemas**. Denise Espírito Santo (org.). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teatro Completo**. Fixação do texto, estudo crítico e notas de Guilhermino César. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Fundação Nacional de Arte, 1980.

<sup>1</sup> Silvane Carozzi

<sup>2</sup> Tomo a expressão da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol.

<sup>3</sup> CASTELLO BRANCO. *Os absolutamente sós*, p.41. “O texto é a mais curta distância entre dois pontos.” – trata-se, também aqui, de uma frase de Maria Gabriela Llansol.

\* Prof<sup>a</sup>. Ms. Silvane Catarina de Oliveira Carozzi

PUC Minas

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/9974711469913372>

Endereço eletrônico - [scarozzi@uol.com.br](mailto:scarozzi@uol.com.br)

---

**Resumè:** Cet article se rapporte à l'expérience de l'écrit de José Joaquim de Campos Leão, connu sous le nom de Qorpo-Santo, qui inaugure une démonstration d'un savoir-faire avec la rumeur antérieure aux mots, qui dépasse les limites du langage: travail d'affrontement, de dépassement, un déploiement sur soi-même de la folie, à travers l'écrit.

**Mots-clés:** langage; expérience; écrit; savoir-faire.

---

**Abstract:** This article refers to a written experience of José Joaquim de Campos Leão, known as Qorpo-Santo, who begins a demonstration of a «know-do» with the anterior rumor to words, which passes beyond the limits of language: work of facing, crossing, a self-bending over insanity, through writing.

**Key-words :** language, writing, experience, "know-do".

---